



Carta Aware

JANEIRO 2024

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Segurem as rédeas. O touro tá doido e saia de baixo aquele que não quiser levar coice da inflação. Ou um desaforo dos texanos...

Dentre o noticiário inflamado acerca dos movimentos texanos em rebelião ao governo federal e anti-imigração, a escalada no tempero árabe e o total sucateamento do movimento pró Ucrânia, a economia resiste! O PIB dos EUA cresceu 3,3% no quarto trimestre de 2023 ante o trimestre anterior, de acordo com a primeira estimativa do indicador. Com isso, a projeção é que o PIB real dos EUA tenha crescido 2,5% em 2023, comparado a um aumento de 1,9% em 2022. A evolução do PIB no quarto trimestre foi reflexo de aumentos nos gastos dos consumidores, no investimento privado, nas exportações e nos gastos dos governos federal, estaduais e locais. O PIB em dólares aumentou 4,8%, ou US\$ 328,7 bilhões, para um nível de US\$ 27,94 trilhões. A estimativa é de que o PCE subiu 3,7% por cento no ano passado, em comparação com um aumento de 6,5% em 2022. Excluindo os preços dos alimentos e da energia, o núcleo do PCE aumentou 4,1%, em comparação com um aumento de 5,2%. A renda pessoal dos americanos cresceu US\$ 224,8 bilhões no quarto trimestre, em comparação com um aumento de US\$ 196,2 bilhões terceiro trimestre. Nas vagas de emprego, com a criação de 353 mil novas vagas, comparado às 180 mil esperadas.

E os americanos já acreditam em dias melhores, mesmo que isso contraste com a cautela razoável dos dirigentes do Fed. Motivados por enxergarem preços e pujança do mercado de trabalho acima do ideal, em conflito com a solidez do crescimento do PIB, Powell e cia. tem toda razão em contrariar o otimismo natural e ter muita calma nessa hora.

O índice de sentimento do consumidor nos Estados Unidos, calculado pela Universidade de Michigan, avançou de 69,7 em dezembro para 79 em janeiro, no maior nível desde julho de 2021, segundo pesquisa divulgada pela instituição. O consenso de analistas do LSEG previa uma alta menor, para 78,9. As expectativas para a inflação em 12 meses desaceleraram de 3,1% em dezembro para 2,9% em janeiro. Em contrapartida, Powell deixou claro que os membros do FOMC (o comitê de política monetária do Fed) enxergam sim espaço para a queda de juros, mas que o colegiado espera mais dados econômicos confirmarem a queda da inflação para iniciar os cortes. "Não é provável que esta comissão (FOMC) atinja o nível de confiança a tempo da reunião de março, que será daqui a sete semanas. Esse não é o mais provável", afirmou. Dessa forma, a decisão de manter os juros inalterados deve se manter (pelo menos) até março. E olhe lá, cada vez menos irreal pensar em juros inalterados para os ianques até o meio do ano. O próprio comunicado já entrega um temor maior com a solidez do setor bancário e o crescente temor de uma instabilidade imobiliária novamente. Here we go again?

Ao contrário do que vende Biden, desesperado por aprovação assim como Adonis gostaria do falecido Apollo, essa solidez no crescimento não justifica os EUA como indubitável, mas sim abre margem para se questionar o quão medíocre tem sido sua gestão, que contou com grande atuação do BC, e ainda assim não guinou a nação para a tranquilidade.

Europa

Uma pilha de esterco e greves. Poderia estar falando de um centro em desenvolvimento do planeta, contudo, a pauta é Europa, polo da suposta civilidade, tendo praças como França e Alemanha completamente imobilizadas por seus próprios.

A desconfiança paira no ar, o dinheiro não sobra nem para seus próprios, quiçá para os infelizes ucranianos! E assim, a Rússia de mãos dadas com "Mr. Winter" vai comedidamente se estabelecendo como quem dá as cartas nas frentes de suas fronteiras leste e sudeste.

Dito isso, esses duros golpes tem facilitado a árdua tarefa do BCE em controlar a inflação, e juros eventualmente até desmoronem antes dos colegas em maus lençóis na tal unidade federativa norte-americana.

O BCE resolveu, por enquanto, sustentar sua taxa básica de juros em um patamar recorde de 4%, enxergando a inflação subjacente em ritmo de queda, graças aos altos custos de empréstimos. "O Conselho do BCE está determinado a garantir que a inflação retorne à sua meta de médio prazo de 2% em tempo hábil", disse o BCE. "Com base em sua avaliação atual, o Conselho do BCE considera que as taxas de juros básicas do BCE estão em níveis que, mantidos por um período suficientemente longo, darão uma contribuição substancial para esse objetivo."

Na outrora menina dos olhos e agora ovelha negra da família dita cuja Alemanha, a confiança empresarial foi por água a baixo. A confiança das empresas alemãs teve uma inesperada piora em janeiro, caindo pelo segundo mês seguido, em um momento no qual a maior economia da Europa tenta evitar uma recessão e o curto período de otimismo dá lugar à expectativa de que vem mais um ano fraco pela frente. O instituto Ifo disse que seu índice de clima de negócios caiu para 85,2, contra 86,3 em dezembro. Especialistas em pesquisa da Reuters esperavam uma melhora no índice para 86,7 em janeiro. "A economia alemã está presa na recessão", afirmou o presidente da Ifo, Clemens Fuest. "A tentativa de retomar o otimismo no outono passado (no Hesmifério Norte) teve vida muito curta", disse Carsten Brzeski, economista do ING, prevendo mais uma recessão de -0,3% em 2024. O começo deste ano ainda trouxe protestos de agricultores e greves no sistema de trens, com crescente descontentamento com as políticas econômicas do chanceler, Olaf Scholz. O Ifo revisou para baixo sua expectativa de crescimento para 2024, com uma previsão de recuperação de apenas 0,7% neste ano. Para realçar ainda mais as dificuldades econômicas locais, especialmente no setor imobiliário. Dados divulgados mostraram que as compras da construção civil caíram 7,4% em novembro na comparação mensal.

No insular território monárquico parlamentarista nomeado um dia de Reino Unido, nunca nos últimos 75 anos foi tão necessário essa tal de união. Ainda não é a hora de cortar juros, assim entende o BoE. Segundo o economista-chefe da instituição, Huw Pill, apesar dos cortes estarem mais próximos no horizonte, a trajetória descendente da inflação ainda não é convincente, e é preciso mais provas antes de "premiar a economia com uma redução nas taxas". Pill destacou que a inflação não está estabilizada no Reino Unido, a inflação de alimentos segue elevada, bem como a de energia. Segundo ele, o Banco não está preocupado em reduzir as taxas de juros mais cedo para impulsionar o crescimento econômico britânico. "Nosso trabalho é só um: trazer a inflação de volta à meta de 2% ao ano, nosso trabalho não é sustentar a atividade e o crescimento do PIB", disse, ao enfatizar que o BC não levará o PIB em conta nas decisões.



Europa (cont.)

Diante de todo esse clima de cautela, era de se esperar que as projeções fossem pessimistamente aniquiladas. Surpreendentemente, o BoE elevou suas expectativas para o crescimento do PIB (de mãos dadas com a inflação, é claro) nos próximos dois anos. Segundo a instituição britânica, o CPI deve desacelerar temporariamente para a meta de 2% no segundo trimestre de 2024, antes de aumentar novamente no terceiro e quarto trimestres, encerrando o ano com avanço de 2,75% na taxa anual. Contudo, depois deste período a inflação deve voltar a acelerar e superar as previsões anteriores, se mantendo em torno de 2,3% no horizonte de dois anos (primeiro trimestre de 2026) e de 1,9% no de três anos (2027). Há ainda a expectativa para mais desemprego em 2024 e um temor gigante sobre o bloqueio do trânsito de embarcações no Suez.

Ásia

Oriente Médio

Além-Mar Vermelho reside um grupo nomeado Houthis na costa do Iêmen que se não fosse as proporções tomadas nos conflitos de seus vizinhos, teria sido aniquilado de bate-pronto. Ou sequer teria se predisposto a agir da maneira ousada com que tem feito ao bombardear embarcações europeias e americanas.

A questão toda é que, quando contemplado o dilema palestino, as forças do Hezbollah, o imperativismo iraniano (com apoio russo?) e todos os outros estados árabes que se pronunciam em favor da causa insurgente contra a soberania israelita e o soberbo imperialismo do Tio Sam, enxerga-se o porquê de o gato-do-deserto estar arrojado como a divindade Bastet. E o que sobra disso tudo? Perspectivas de confronto intercontinentais e o total bloqueio do comércio marítimo através dos portões de Alexandria.

A taxa spot para transportar um contêiner de 40 pés (12 metros) de comprimento de Xangai a Gênova, no Mediterrâneo, saltou mais de US\$ 1 mil (R\$ 4.948), para US\$ 6.282 (R\$ 31 mil), de acordo com o Drewry World Container Index. Os desvios marítimos também afetam o transporte de mercadorias asiáticas para os EUA. Entre as rotas comerciais leste-oeste, o maior aumento semanal em termos percentuais foi de Xangai para Los Angeles, que subiu 38%, para US\$ 3.860 (R\$ 19.100). Pela região, circulam entre 12% e 15% do comércio mundial. Sem o estratégico golfo de Aden, podemos esperar por produções automobilísticas paralisadas, o preço do petróleo disparando e cargueiros desviando seu itinerário para o Cabo da Boa Esperança. Não ironicamente o um dia apelidado de Cabo das Tormentas será a solução para fugir de uma.

China

Com maior controle sobre as decisões do BC e revelando dados acerca de desemprego mais incertos que o paradeiro daquele cientista pioneiro nos alertas em Wuhan, a China ainda tenta trocar a roda do caminhão com ele andando, enquanto o mundo já assimila que a carga vai pelos ares e vai demorar um pouquinho até reaguparem toda a mercadoria.

Visando não prejudicar o crescimento, o PBoC manteve as principais taxas de juros inalteradas pelo quinto mês consecutivo, segundo comunicado oficial. A taxa de juros de referência para empréstimos (LPR, na sigla em inglês) de 1 ano foi mantida em 3,45%, enquanto a de 5 anos permaneceu em 4,20%. Enquanto isso, o PMI de serviços continua a frustrar o Partido Comunista e sua marcha para o progresso, recuando de 52,9 em dezembro para 52,7 em janeiro, segundo pesquisa divulgada pela S&P Global em parceria com a Caixin. O resultado do mês passado veio exatamente em linha com a previsão de analistas consultados pela FactSet. O PMI composto chinês, que engloba dados da atividade de serviços e indústria, caiu marginalmente entre dezembro e janeiro, de 52,6 para 52,5.

E isso já reflete nos próximos anos e em como o mundo enxerga o antes indomável dragão chinês. O FMI projeta que o crescimento econômico da China diminuirá para 4,6% em 2024 e arrefecerá ainda mais no médio prazo, com um crescimento de cerca de 3,5% projetado para 2028. ⁵



Ásia

Japão

Prestes a retornar ao clube dos juros positivos, há perspectiva de que a trajetória não se altere, e o mercado imobiliário já se atenta, tornando cada vez menos atraentes as taxas de empréstimo para o setor.

O BoJ manteve inalteradas as principais referências que balizam a política monetária no país. As taxas de juros de curto prazo foram mantidas em -0,1%, como era esperado pelo mercado. O BC japonês continuará a definir 1% como ponto de referência para o limite superior do rendimento dos títulos do governo japonês de 10 anos. Nenhuma alteração foi feita na redação da orientação política do banco central, que afirma que persistirá “pacientemente” com a flexibilização monetária até que a inflação de 2% seja alcançada. À medida que os efeitos retardados dos custos mais elevados da energia e das matérias-primas diminuem, o Banco do Japão espera que os preços básicos ao consumidor (excluindo os voláteis produtos alimentícios frescos), aumentem 2,4% no ano fiscal de 2024, que começa em abril, abaixo da sua estimativa anterior de 2,8%.

O presidente do BoJ, Kazuo Ueda, afirmou, no entanto, que ainda não está totalmente confiante de que o crescimento dos salários e dos preços possa ser sustentado em um nível saudável, após o Japão ter vivido décadas de preços estáveis ou em queda. Com isso, a autoridade monetária pretende acompanhar de perto os resultados das negociações salariais anuais, previstas para março, para analisar se as companhias irão conceder aumentos maiores do que no ano passado.

Reverberando o plano de voo nipônico, pela primeira vez em 20 meses a inflação do índice de preços ao consumidor caiu abaixo de 2%, embora grande parte do declínio tenha sido impulsionada por medidas governamentais para conter os preços dos serviços públicos. E de forma exemplar, o equilíbrio entre controle inflacionário e crescimento da economia tem sido orquestrado com a precisão japonesa. O PMI composto japonês mostrou alta de 50,0 em dezembro para 51,1 em janeiro, com crescimentos tanto na atividade de serviços como na industrial, de acordo com dados preliminares divulgados pela S&P Global, em parceria com o Jibun Bank. Segundo a pesquisa, a demanda externa de serviços japoneses aumentou pela primeira vez em cinco meses. Com mais pedidos, as empresas procuraram acompanhar a demanda aumentando os níveis de emprego pelo quarto mês consecutivo. As empresas permaneceram otimistas sobre as perspectivas nos próximos 12 meses.

Índia

Quem segura os indianos?

O PMI de serviços expandiu-se no ritmo mais rápido em seis meses em janeiro devido à demanda robusta, de acordo com uma pesquisa empresarial que também mostrou que os preços da produção subiram no ritmo mais lento desde fevereiro de 2023 e o otimismo estava no maior nível em quatro meses. O índice geral, compilado pela S&P Global, saltou para 61,8 no mês passado, ante 59,0 em dezembro. As exportações atingiram seu pico nos últimos 3 meses e por enquanto, o BC projeta manter juros estáveis.

América Latina

Argentina

Entre derrotas no congresso argentino, ainda existe algo para Milei comemorar. A Lei Ônibus foi aprovada!

O megapacote se refere a um conjunto de reformas na economia e política do país. A "Lei Ônibus" conta com profundas reformas. O projeto de Milei foi dividido em diferentes categorias, e inclui uma economia mais desregulamentada, privatizações de estatais, mudanças tributárias e alterações relevantes em diversos outros campos. Inicialmente, o governo da Argentina tinha dito que não abriria espaço para concessões, alguns artigos importantes do projeto precisaram ser retirados até que o texto final fosse aprovado pela Câmara. Nesse sentido, foi diminuída a quantidade de companhias estatais que passarão por processo de privatização, por exemplo. Além disso, também foram limitados os poderes políticos que o governo buscava para ter aprovações de projetos posteriores sem a necessidade do Congresso.

Ainda assim, seu projeto megalomaniaco corre o risco de ser esvaziado, ou até mesmo derrubado no Senado hermano.

A OCDE já enxerga o curto prazo tortuoso que Milei prometeu. A organização revisou significativamente para cima sua previsão de inflação para a Argentina, para 250,6% este ano, em comparação com os 157,1% projetados em novembro. A essa taxa, a economia argentina deve apresentar a maior inflação do mundo, à frente da Turquia (com inflação projetada na casa dos 50%). "Prevê-se que a alta inflação e o considerável ajuste fiscal provoquem uma queda do PIB na Argentina em 2024, antes que o crescimento se recupere em 2025, quando as reformas começarem a surtir efeito", afirma o relatório trimestral da OCDE. Em 2025, a Argentina voltaria a crescer, com uma expansão do PIB de 2,6%, sete décimos acima da previsão anterior. Nesse ano, a inflação seria de 64,7%, segundo a organização econômica.

México

O que é um tropeço para quem vinha correndo desenfreadamente? Pode ser um pequeno desequilíbrio, ou um salto de cara no concreto.

A economia do México cresceu menos do que o esperado no quarto trimestre de 2023, o pior período desde o terceiro trimestre de 2021. De outubro a dezembro, o PIB cresceu apenas 0,1% em relação ao trimestre anterior, segundo informou o Instituto Nacional de Estatística e Geografia (Inegi).

América Latina (cont.)

Sustentado pelos âmbitos eleitorais de López Obrador, não se deve esperar uma desaceleração contínua, com gastos governamentais robustos. “A atividade foi impactada pelo desempenho abaixo do esperado do setor de construção civil e pela estagnação do setor de serviços”, afirmou o diretor de pesquisa macroeconômica do Goldman Sachs para a América Latina, Alberto Ramos. “No futuro, a atividade econômica deve enfrentar ventos contrários decorrentes de taxas de juro elevadas, maior regulamentação de setores-chave, como petróleo e gás, eletricidade, mineração e moderação da demanda externa”, disse. “É provável que as famílias continuem a se beneficiar de fluxos de crédito firmes, de um contexto robusto do mercado de trabalho — incluindo a sólida criação de emprego formal e aumentos generosos do salário mínimo —, da moderação da inflação e de um orçamento expansionista”, afirmou.

Brasil

Após uma melhora qualitativa no cenário doméstico, observamos que a inflação no Brasil medida pela média dos núcleos do IPCA, continua em linha com a meta estabelecida, com a inflação de serviços também em um patamar controlado. O Governo projeta uma inflação de 3,2% para 2024 e 3,4% para 2025, mantendo uma visão otimista, especialmente em relação à inflação de bens, onde acredita-se em correções nos preços relativos.

Apesar da desaceleração na atividade econômica, os indicadores sugerem um ritmo menos intenso do que inicialmente previsto. O mercado de trabalho encerrou 2023 com bom desempenho, resultando em uma taxa de desemprego de 7,6% em dezembro, ajustada sazonalmente. Indicações preliminares para dezembro de 2023 e janeiro de 2024 sugerem que o crescimento do consumo permaneceu firme na virada do ano.

Observamos, no entanto, que os elevados juros reais podem desacelerar as concessões de crédito, especialmente para pequenas e médias empresas. Recentemente, dados do Serasa indicam um aumento nos pedidos de recuperação judicial para PMEs, refletindo os desafios enfrentados por empresas de menor porte devido à taxa Selic acima de 10%.

O Banco Central do Brasil (BCB) reduziu a taxa Selic em 50 pontos-base, levando-a para 11,25%. O comunicado sugere a continuidade desse ritmo de cortes nas próximas reuniões. Apesar do amplo espaço para diminuição dos juros, os dados indicam que o ritmo atual será mantido, com o potencial de redução total estreitamente ligado à dinâmica fiscal do país.

O declínio da atividade econômica parece ter ficado para trás, com a inflação apontando para uma tendência de queda. No entanto, o déficit fiscal, excluindo o impacto da regularização do estoque de precatórios, encerrou 2023 em 1,3% do PIB, tornando o atingimento da meta para 2024 um desafio significativo.

No cenário brasileiro, destaca-se a inflação mais comportada no início de 2024, especialmente nos alimentos e alguns itens de serviços. Projetamos um IPCA de 3,5% para 2024 e 3,3% para 2025, considerando uma assimetria baixista nos preços de bens.

Mantemos o otimismo em relação ao crescimento local, impulsionado por diversos fatores, como o desembolso de R\$ 90 bilhões de precatórios, antecipação de gastos eleitorais, aumento do salário mínimo e o ambiente de juros menos restritivo. Os dados disponíveis indicam uma aceleração da economia para algo em torno de 2,0% a 2,5% no primeiro semestre de 2024.

As condições de contorno sugerem que o Banco Central tem pouca urgência em acelerar o ritmo de cortes de juros. O desemprego permanece próximo das mínimas históricas, a massa de salários tem crescido de forma robusta, e, apesar da melhora nas condições financeiras nos EUA, a taxa de câmbio e as projeções do modelo do BC continuam um pouco acima da meta.

Podemos concluir dessa forma que o cenário macroeconômico brasileiro mostra sinais de estabilidade, com desafios e oportunidades que continuaremos a monitorar de perto.

Juros & Câmbio

O mês de janeiro ficou marcado, mais uma vez, pela resiliência da economia norte-americana. Essa percepção se deu, principalmente, pela divulgação da primeira leitura do PIB do 4T23, em 3,3%, muito acima dos 2% esperados por Wall Street. O PCE também surpreendeu negativamente (0,5% vs 0,3% exp), assim como o payroll, que indicou a criação de 353 mil novos empregos, quase o dobro das expectativas do mercado.

Nesse cenário, os diretores optaram por manutenção do patamar de juros. O destaque fica para o tom muito mais moderado por parte dos diretores do FED, indicando que os cortes só ocorrerão quando houver uma sinalização mais firme de que as expectativas de inflação foram reancoradas em torno de 2%.

Dessa forma, após a divulgação dos dados acima, os *yields* do principal contrato de juros futuro de 10 anos nos EUA apresentaram alta expressiva, e as apostas de que o primeiro corte de juros ocorrerá já no primeiro trimestre de 2024 desabaram de 78%, no início de janeiro, para 22% atualmente.

Em território brasileiro, a decisão do Copom veio dentro das expectativas da Faria Lima, de corte de 0,5% na Selic, levando-a ao patamar de 11,25%.

Em relação ao comunicado, foi muito semelhante ao anterior, com apenas alguns ajustes nos adjetivos em relação ao cenário externo. No último comunicado, o destaque foi "ambiente menos adverso" e, agora, destaque para "início da flexibilização da política monetária nas principais economias".

Ainda sobre a economia doméstica, registramos a divulgação de dados do fim do ano anterior, que indicaram forte deterioração de quase 3% do PIB no resultado primário do primeiro ano do novo governo.

Com os dados americanos divulgados, evidenciando a força da maior economia do mundo, o índice DXY, que mede a força do dólar contra uma cesta de moedas desenvolvidas, registrou alta de 2,15%.

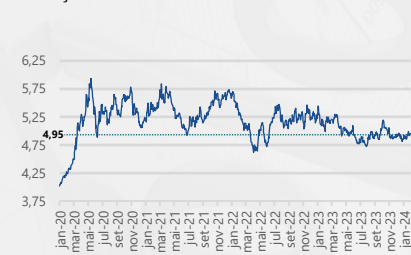
Em relação ao real, o principal contrato futuro da moeda norte-americana também registrou valorização de 1,57%, dando uma "pausa" a sua trajetória de baixa, iniciada no fim de 2022.

Em relação ao Bitcoin, após um expressivo resultado em 2023, em alta de mais de 150%, observamos um início de ano discreto, marcado pela lateralização, em alta de apenas 0,6%.

Moedas

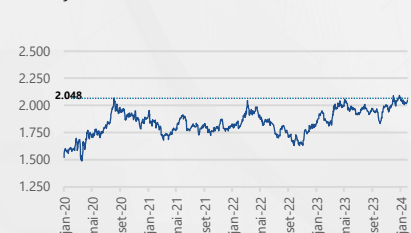
Dólar	4,95	2,31%
Euro	5,36	0,04%
Libra	6,28	1,72%
Yuan	0,69	1,13%
Iene	0,03	-2,20%
Lira Turca	0,16	-0,91%

Evolução Dólar



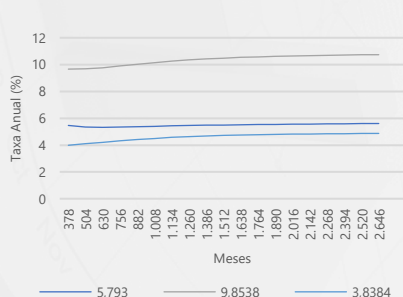
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo AWARE Investments

Curva de Juros



Fonte(s): Anbima. Elaborado pelo AWARE Investments

Bolsas

Nos mercados de renda variável, o mês de janeiro ficou marcado pela aumento da cautela. Após o forte rally observado no fim de 2023, os investidores passaram a prestar mais atenção aos indicadores de atividade e índices de preços, pressionando parte dos rendimentos e gerando divergência de performance entre as diferentes geografias.

Apesar de um apetite à risco menor do que o observado ao longo de 2023, especialmente no fim do ano, nos EUA, observamos ganhos de 1,66% para o S&P 500 e 1,02% para o índice Nasdaq Composite.

O desempenho positivo dos principais índices americanos pode ser justificado pela boa temporada de resultados em curso, marcada por números superiores às expectativas de Wall Street.

Até o fim de janeiro, 230 empresas presentes no índice S&P500 haviam reportado seus balanços, com aproximadamente 78% delas superando as projeções de LPA (lucro por ação) e uma surpresa positiva média de 7,1%, de acordo com dados compilados pela Bloomberg.

Mesmo com ventos favoráveis vindos do exterior, o Ibovespa não foi capaz de manter seu ímpeto, encerrando janeiro aos 127.752 pontos, baixa de 4,8%. A baixa expressiva se deu pelo movimento de realização de lucros, principalmente dos estrangeiros, que retiraram R\$ 7,9 bilhões da bolsa brasileira.

Nesse cenário, o EWZ, principal ETF de ações brasileiras negociadas em Nova York (também conhecido por Ibovespa em dólares), registrou perdas de 5,84%.

No Velho Continente, região marcada por retornos mais modestos quando comparada à outros mercados, observamos justamente o oposto: retornos expressivos até mesmo quando comparados a bolsa de tecnologia americana. Esse movimento se deu por uma percepção de que o ciclo de queda de juros europeus irá começar antes do que o anteriormente precificado.

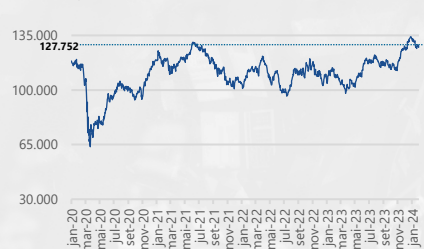
Nesse cenário, o Euro Stoxx 50 valorizou-se 2,8%, com destaque para o índice francês, o CAC, em alta de 1,51%, seguido pelo DAX, da Alemanha, em alta de 0,91%. Do outro lado, mais uma vez, as ações britânicas, presentes no índice FTSE, recuaram 1,33%.

Em solo asiático, a divergência de performance foi ainda mais expressiva, já que o Nikkei registrou expressivos ganhos superiores a 8% enquanto, em Hong Kong e Shanghai as quedas foram de 9% e 6,2%, respectivamente.

Índices

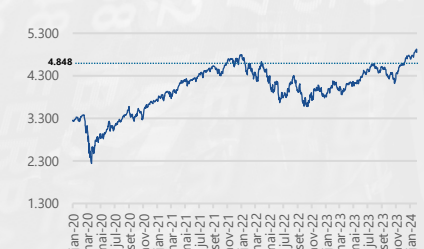
Ibovespa	127.752,28	-4,79%
S&P 500	4.848,87	1,66%
Nasdaq	15.164,01	1,02%
Euro Stoxx 50	4.648,40	2,80%
Shanghai	2.788,55	-6,27%

Ibovespa



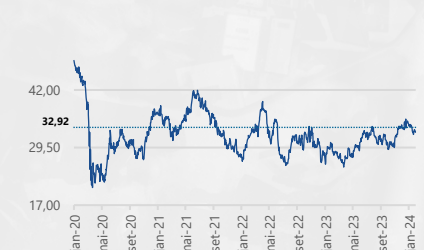
Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

Depois do réveillon com muita animação, veio a ressaca... e no caso do Brasil, com dificuldade de ser curada...

Se no final do ano o ambiente parecia extremamente favorável, 2024 começou de maneira bem diferente. Na última comunicação, informamos que estávamos "cautelosamente otimistas", e não à toa. Como prevíamos, a questão fiscal bateu à porta e fez suas cobranças. O Brasil registrou um déficit nas contas públicas na ordem de R\$ 230 bilhões, fazendo o mercado questionar se é realmente possível atingir a meta de déficit zero até o final do ano. Por outro lado, os dados positivos de desaceleração da inflação e a manutenção do ritmo de corte da Selic, promovida na reunião do Copom no último dia do mês, trazem um fio de esperança. É crucial uma sinalização clara de compromisso fiscal por parte do governo para que o Banco Central possa continuar conduzindo a política monetária. No curto prazo, a bolsa deve absorver esse sentimento de temor, assim como a renda fixa, que pode ter seus preços impactados pela curva de juros. Já o dólar tende a se fortalecer em relação ao Real.

No início do ano, a ata do FOMC, em um tom mais duro, frustrou o mercado, reduzindo as apostas em um corte de juros já em março e provocando aumento nos rendimentos das Treasuries. Sem grandes surpresas, na reunião da autoridade monetária norte-americana, também no último dia do mês, os juros foram mantidos no patamar atual, com a indicação de que os membros do colegiado acreditam que ainda não seja apropriado reduzir o intervalo da taxa básica até que tenham adquirido maior confiança de que a inflação está se movendo de forma sustentável em direção a 2%. Os dados mostrando uma economia resiliente abrem espaço para que o FED mantenha os juros mais altos por um tempo maior, fechando basicamente a porta para uma redução de juros em março de 2024. No entanto, entendemos que uma demora em iniciar esse ciclo de queda pode resultar em um nível restritivo de economia acima do necessário para colocar a inflação no centro da meta. O que sabemos é que o FED não quer errar, da mesma forma como afirmou que a inflação era transitória. Nesse contexto, acreditamos que a bolsa e a renda fixa norte-americanas podem sofrer no curto prazo.

Na zona do euro, o Banco Central Europeu optou por manter as taxas de referência. Os investidores estavam apostando que o BCE começaria a cortar essa taxa já em abril; no entanto, a maioria dos formuladores de políticas do BCE tem tentado esfriar o entusiasmo do mercado, dizendo que são necessários mais dados, principalmente sobre o crescimento dos salários. Apesar das falas conservadoras, o mercado enxerga que o ciclo de corte de juros está cada vez mais próximo, trazendo ao Velho Continente um sentimento um pouco mais otimista. Os investidores também observam com cuidado os desdobramentos dos protestos no setor agrícola na França, que pressionam a União Europeia a encerrar as negociações de um acordo comercial com o Mercosul.

Já na Ásia, o principal ponto de atenção nas próximas semanas deve ser a Evergrande, gigante imobiliária chinesa, que teve sua falência decretada pela Justiça de Hong Kong. O mercado ainda tenta entender e absorver os impactos negativos que essa decisão causará. O que sabemos é que a falência de uma empresa desse porte não deve ocorrer sem deixar sequelas negativas, não só na maior economia asiática, mas também em outros países ao redor do globo. As atenções também estão divididas com a escalada dos conflitos no Oriente Médio. Um envolvimento maior de grandes potências bélicas pode trazer muita volatilidade ao mercado global.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que dependemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com